

CORES

**Actas do VII Colóquio da Secção Portuguesa
da Associação Hispânica de Literatura Medieval**

Isabel de Barros Dias
Carlos F. Clamote Carreto

Capa de: Esperança Marques

Copyright © **UNIVERSIDADE ABERTA**

Palácio Ceia - Rua da Escola Politécnica, 147

1269-001 Lisboa

www.uab.pt

e-mail: cvendas@univ-ab.pt

DL: 320783/10

ISBN: 978-972-674-702-4

Printed by Publidisa

Branco: a cor emblemática do Outro Mundo

Ana Margarida Chora

CEIL - Centro de Estudos sobre o Imaginário Literário (UNL-FCSH)

A cor branca pode ter aparecido em muitas épocas, mas na Idade Média ganhou importância na literatura, especialmente nos textos que tratam o feérico. Nos textos medievais franceses dos séculos XII e XIII, o branco surge como manifestação e sinal dos mundos mágicos, dominados pelas fadas, indiciando algum tipo de influência nos heróis, muitos deles igualmente associados ao branco.

Sendo o branco a cor da luz (no quadro da relação entre cores e luz), é natural que o feérico se tenha apropriado dele para lhe atribuir conotações mágicas. E, equivalendo também à ausência de cor (no que se refere à correspondência entre cores e pigmentos), torna-se mais fácil completar o branco com laivos de imaginação, derivando daí a sua conotação encantada, especialmente no que toca à cultura celta.

Já Isidoro de Sevilha, nas suas *Etimologias*¹, alude ao branco dos “galos” (ou gaélicos, povos celtas) e à designação que lhes atribui a Sibila de Virgílio («Galli a candore corporis nuncupati sunt»²), sendo que o seu nome vem de “gála”, que em grego significa “leite”. O branco continuará a evocar o mágico e o ilusório, até chegar ao sobrenatural e ao diabólico, na sequência da cristianização de elementos folclóricos da mais variada espécie. Muito mais tarde, no *Livro de Marco Polo*, os pagãos do Malabar referem-se aos demónios como seres brancos («e pintam ho diaboos bramco. dizendo que todollos diaboos som brancos»³).

Por uma questão de moda ou de significação, o próprio nome “Branca” foi usual na época medieval, tanto em personagens reais como folclóricas. Muitas foram as Brancas cujo nome foi sinónimo de beleza, nobreza e poder. No séc. XIII, Branca de Castela, neta da musa dos trovadores, Leonor de Aquitânia, foi uma princesa bela, poderosa, inteligente e rigorosa. Mas antes dela já Branca de Portugal (séc. XII-XIII), filha de D. Sancho I, tinha sido senhora feudal de Guadalajara. Branca foi também a filha de D. Afonso III (mais adiante, nos séc. XIII-XIV), sobrinha de Branca de Castela e abadessa do convento de Huelgas. Esta é a Dona Branca a quem Garrett dedicou o seu poema. Outra é a Branca de Neve, popularizada pelos Irmãos Grimm a partir de um tema do folclore alemão. E muitas outras surgem nos séculos XIV e XV.

E muitos são os nomes que, na Matéria da Bretanha, têm o branco na sua composição. Em *Floriant et Florete*, Gauvain casa com a amiga de Florete, Blanchandine

¹ Isidoro de Sevilla, San, *Etimologías* (ed. de Jose Oroz Reta e Manuel-A. Marcos Casquero), Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 1994 (2 vols.).

² *Id., Ib.*, vol. I, 104, p.758

³ Marco Polo, *O Livro de Marco Paulo, o Livro de Nicolao Veneto, Carta de Jerónimo de Santo Estevam - conforme a edição de Valentim Fernandes, feita em Lisboa em 1502* (ed. de Francisco Maria Esteves Pereira), Lisboa, Biblioteca Nacional, 1922, 68-r, Livro III, cap.28.

(filha do rei Geremie), ao mesmo tempo que Floriant casa com Florete⁴. Blanchefleur é a amada de Perceval, no *Conte du Graal*. E outras são designadas pelos seus atributos físicos, por sinédoque, servindo o herói no seu percurso evolutivo, mediando um determinado momento de transição. É o caso da “Pucele as Blanches Mains”, a fada das mãos brancas, donzela amada por Guinglain em *Le Bel Inconnu*⁵, com quem se encontra antes de chegar a Blonde Esmerée. Ou ainda a fada Blancemal, mãe do próprio Guinglain. É também o caso da Isolda das Mãos Brancas («Car Ysolt as Blanches Mains volt / Pur belté e pur nun d’Isolt»⁶), com quem Tristão casa, num interregno da sua passagem pela outra Isolda. Ou ainda da rainha das tranças brancas («tresces blanches»⁷) que salva Gauvain do castelo das donzelas, do qual não conseguia sair.

Outras são simplesmente figuras do Outro Mundo, designadas pelo espaço branco feérico que habitam, como a Reine de la Blanche Montagne, em *Escanor*⁸, mulher de Escanor le Bel, o qual também é conhecido como Escanor de la Blanche Montagne, nome que herdou das terras da sua mulher, e que é o antigo amigo da fada Esclarmonde e duplo de Gauvain nesta obra. Por seu turno, na *Continuation-Perceval* (segunda continuação do *Conte du Graal* de Chrétien de Troyes, também conhecida como *Deuxième Continuation de Perceval* ou *Continuation de Wauchier*), quem guarda o “Gué Amoros” é o “Blans Chevaliers”, que desafia Perceval⁹.

Os espaços são pois, também, designados pela sua brancura. Em *Floriant et Florete*, a “Blanche Cité”, situada na “Ille as Puceles Belles”¹⁰ é a morada de Alemandine, a rainha que Floriant vai salvar de um monstro aprisionador. E em *Durmart Le Galois*, a “Blanche Cité” é a morada de Andelise, a rainha mãe de Durmart. Em *Le Chevalier as Deus Espees*, o pai do herói, Mériadeuc, era Bleheris, senhor do castelo do Vaus de Blanquemore e do Lac de Jumeles, onde está a sua mãe, senhora de um castelo de difícil acesso, guardado por cavaleiros. Ela está distante do mundo real, não sabendo notícias do seu filho. O nome do reino, “Blanquemore”, sugere o branco, cor do Outro Mundo feérico.

Nestes lugares feéricos, as damas que os habitam ostentam o luxo e a perfeição através dos seus trajes igualmente brancos.

Na *Continuation-Gauvain* (primeira continuação do *Conte du Graal*), quando chega ao “Chastel as Puceles”¹¹, Perceval é recebido por duas donzelas (uma jovem e uma anciã) vestidas de branco. Esse lugar do Outro Mundo é indiciado pela cor das vestes das donzelas que o habitam.

⁴ *Floriant et Florete* (ed. de Annie Combes e Richard Trachsler), Paris, Honoré Champion, 2003, v.5812-6443, p.350-386.

⁵ Renaut de Beaujeu, *Le Bel Inconnu* (ed. de G. Perrie Williams), Paris, Honoré Champion, 1929.

⁶ *Tristan et Iseut* (ed. de Daniel Lacroix e Philippe Walter), Paris, LGF, 1989, v.198-199, p.348.

⁷ Chrétien de Troyes, *Perceval ou Le Conte du Graal* (ed. de Jean Dufournet), Paris, Flammarion, 1997, v.8107, p.442.

⁸ Girart d’Amiens, *Escanor* (ed. de Richard Tachsler), Genève, Droz, 1994 (2 vols.).

⁹ *The Continuations of the Old French Perceval of Chrétien de Troyes* (ed. de W. Roach), Philadelphia, American Philosophical Society, 1965-1971 (4 vols.), vol. IV, v.21956-22224, p.115-125.

¹⁰ *Floriant et Florete*, v.1344-1356, p.82.

¹¹ Gerbert de Montreuil, *La Continuation de Perceval* (ed. de Mary Williams e Marguerite Oswald), Paris, Honoré Champion, 1975 (3 vols.), vol. I, v.3006-3247, p.93-100.

Branco é igualmente o braço vestido de “samit blanc” que se ergue das águas para entregar a espada Excalibur ao rei Artur, na *Suite du Merlin*. Também a Dama do Lago se veste de branco:

La dame si fu atornee moult richement, car ele fu vestue d'un blanc samit, cote et mantel a une pene d'ermine, et sist sour un petit palefroï soef amblant qui estoit si biaux et si bien tailliés com l'en le poroit miex deviser¹²

Esta é a cor das fadas e do seu discípulo, Lancelot, o cavaleiro das armas brancas. Diz-se que ambos «estoient tout vestus de blanches robes et seoient sour blans chevaux»¹³.

Depois de educar Lancelot, a Dama do Lago dá-lhe atavios todos brancos e armas brancas:

hauberc blanc et legier et fort et hiaume sorargenté moult riche et de moult grant biauté et escu tout blanc comme noif a boucle d'argent moult bele, et por che qu'ele ne voloit qu'il n'i eust riens qui ne fust blanche.¹⁴

E a caminho da corte de Artur, para levar Lancelot a ser armado cavaleiro, a marca do Outro Mundo acompanha a comitiva:

en toute la compaignie a la Dame du Lac ne fu chose se blanche non. Li destrier furent blanc et les armes du chevalier, li palefroiz furent blanc et les coverturez toutez, et les damez furent vestuez de richiez samit tout blanc comme noiz. Li chaceeur et les harnoiz furent tuit blanc.¹⁵

No *Lai de Lanval* de Marie de France, a amiga de Lanval veste-se de branco, emblema da sua condição de fada, ao apresentar-se na corte de Artur, provocando admiração:

Ele ert vestue en itel guise
de chainse blanc e de chemise,
que tuit li costé li pareient,
ki de dous parz lacié esteient.
Le cors ot gent, basse la hanche,
le col plus blanc que neif sur branche;
les uiz ot vairs e blanc le vis¹⁶

E, para além disso, a sua pele branca denotava a sua excepcionalidade. O branco da pele é, simultaneamente, sinónimo de pureza e de magia (como aparece nas cores da Dama do Lago, ou Dama Branca, Lancelot e as armas brancas, Guenièvre, ou “fantasma branco”). Assim eram brancas as donzelas Enide («Cler et blanc le front et le vis. / Sor la

¹² *Lancelot: roman en prose du XIIIe siècle* (ed. de Alexandre Micha), Genève, Droz, 1978-1983 (9 vols.), XXIIa, 7-8, vol. VII, p.266.

¹³ *Lancelot*, XXIIa, 6-7, vol. VII, p.265-266.

¹⁴ *Lancelot*, XXIa, 23, vol. VII, p.258.

¹⁵ *Les Prophecies de Merlin* (ed. de Lucy Allen Paton), London, Oxford University Press, 1926 (2 vols.), vol. I, p.197.

¹⁶ «Lanval» in Marie de France, *Lais*, Paris, Librairie Générale Française, 1990, v.565-571, p.162.

blanchor par grant merveille»¹⁷), Blanche fleur («Le front ot blanc et haut et plain»¹⁸) e a rainha Guenièvre («ses vis fu frés et encoulourés de blanc [...] Si ot les piés blans [...] et les mains blanches [...] avoit la char plus blanche que noif negie»¹⁹).

A Dama do Lago era branca e bela, demonstrando ser muito mais jovem do que, na verdade, era («l'en eust cuide qu'elle n'eust que quinze ans, tant avoit sa chair pollue et blanche»²⁰). Esta dama revela-se branca tanto pelas suas vestes como pela sua ligação ao Lago de Diana, onde habita, ficando, pois, ligada à pureza da deusa casta, Diana, e à Lua, também branca. Por um lado, a Dama Branca está ligada à água, à Lua e à Grande Deusa. Consequentemente, a outra face, lúbrica, da mesma deusa, é representada por outra figura feérica igualmente importante: Morgain, com a qual partilha um passado mitológico comum. Por outro, liga-se à tradição folclórica dos seres mágicos inferiores da hierarquia mitológica.

Vejam os primeiro aspecto. Morgain é igualmente aquática e lunar. As suas origens aquáticas remetem para o nome “Morgen”, para *Morg-wen* (espuma do mar) ou *Murigena* (“nascida do mar”, em gaélico), como para o espaço de Avalon, a ilha branca (também conhecida por “Albion”). Esse espaço, branco, é caracterizado pela presença de corvos, provenientes da mitologia celta do corvo branco, representado nos *Mabinogion* por Branwen, irmã de Bran, simultaneamente deusa da Lua, da água e do amor. Morgain está também relacionada com Liban, uma criatura aquática.

A fada aquática Liban, deusa da saúde e dos prazeres terrenos (irmã gêmea de Fand, deusa com as mesmas características), divindade menor da mitologia celta do ramo irlandês, reivindica a sua cor no que respeita ao seu meio espacial. O branco é a cor distintiva do seu apanágio mitológico. Liban partilha o nome com a mesma palavra francesa, “Liban”, para designar o país homónimo (Libano), cuja raiz semita “Lubnan”, que significa “branco”, remete para as suas montanhas cobertas de neve durante o inverno, característica atípica da região onde se situa. Liban era filha do rei Eochaid dos Fir Bolg e noiva de Midhir dos Túatha De Danann, logo, era humana. Mas na sequência de uma inundação causada por um poço sagrado, foi levada para uma gruta aquática juntamente com o seu cão de companhia. Aí, a grande deusa Dana transformou-a em sereia (e ao seu cão em marmota) e ela pôde mover-se em liberdade, até ser levada a uma igreja (Teo-da-Beoc) para ser baptizada e receber o nome de “Morgen” ou “Muirgen” (“nascida do mar”). Liban sofre o fenómeno da divisão entre os mundos: primeiro fica presa ao mundo aquático, podendo apenas mover-se nele sob a sua forma metamorfoseada. Depois apenas regressa ao mundo humano graças à sua dupla natureza adquirida. Aí tem de se purificar em forma cristã, sofrendo um novo nascimento pelas águas, através do baptismo. O branco é, pois, a cor aquática que a liga à tradição folclórica feérica.

Vejam os segundo aspecto. No folclore da Europa Central (Alemanha, Holanda e França – regiões da Lorena e Normandia), as Damas Brancas são seres sobrenaturais,

¹⁷ Chrétien de Troyes, *Erec et Enide* (ed. de Jean-Marie Fritz), Paris, LGF, 1992, v.428-429, p.58.

¹⁸ Perceval, v.1815, p.128.

¹⁹ *Le Livre du Graal - Joseph d'Armathie, Merlin, Les Premiers Faits du Roi Arthur* (ed. de Daniel Poirion), Paris, Gallimard, 2001, v.127-128, p.935-936.

²⁰ *Les Prophecies de Merlin*, vol. I, p.483.

espíritos femininos, reminiscências da mitologia galo-romana, que habitam locais de passagem e solicitam que se dance com elas para obter permissão de passar. Isso equivale a uma “senha de passagem”, típica da diferença temporal entre os mundos, podendo-se ficar preso na passagem se não se cumprirem as regras cronológicas. Por isso, o branco tem a ver com os limites do tempo.

O branco é a cor de figuras folclóricas irremediavelmente presas entre os dois mundos. É o caso das mouras encantadas, figuras híbridas que conciliam uma parte humana e outra tereomórfica ctónica (quer dividindo o corpo ao meio com essa característica, quer o tempo, perfazendo uma parte do dia ou da semana sob uma das formas).

Na obra romântica *Tripeiros*, romance histórico que relata a crise de 1383-85, de António Coelho Lousada, do séc. XIX, fala-se de uma moura encantada que aparecia na noite de S. João numa fonte, mas que, afinal, era uma criatura de carne e osso. A moura Garifa é descrita da seguinte forma:

Ora como há de ser a moura? É uma figura branca, toda branca, muito branca, com os cabelos, nem fios de ouro, soltos pelas costas; e aparece a bailar na água de um para outro lado...²¹

Mais adiante é referida como um “phantasma branco” que se tinha atirado ao rio²².

Estas figuras femininas estão presas porque não conseguiram regressar ao seu mundo nos momentos solares do calendário em que os mundos estão equiparados.

A entrada no Outro Mundo relaciona-se também, e nesta sequência, com a perseguição a animais brancos. Dom Diego Lopez acha uma bela mulher, a Dama Pé-de-Cabra, em cima de uma fraga, na sequência da perseguição a um porco selvagem²³. Da mesma forma, no início do *Tristan en prose*, durante a ausência de Sador numa caçada ao porco selvagem, o irmão deste toma à força Chelynde, uma misteriosa dama aquática²⁴.

De facto, nenhum dos textos afirma que o porco é branco, mas podemos deduzi-lo pela reminiscência folclórica que coloca o porco branco ou o javali branco no caminho de mulheres sedutoras, fadas-mouras (como a Moura Encantada de Vinhais), que prendem a um encantamento do tempo, devido ao seu sacrifício nas festas de contacto com o Outro Mundo (designadamente o Samain, correspondente à festa dos mortos, noite em que não há senhas para entrar no Outro Mundo).

Sendo estas fadas criaturas presas entre um mundo e o outro, não tendo conseguido fazer a passagem a tempo, o animal das comemorações dessa festa aparece-lhes associado. É, aliás, um animal mágico ligado à fertilidade e ao culto de Diana das Ardenas, madrinha da fada Niniane, a dama branca do lago que tinha o nome da deusa. O porco branco, animal mítico dos celtas, encontra reflexo na lenda arturiana. O javali branco sagrado está ligado à morte, tal como Cernunnos, o deus veado galo-romano (do qual provém o folclore do veado branco), está ligado à vida. O porco ou javali relaciona-se com a ressurreição. O dente

²¹ Lousada, António Coelho, *Tripeiros: romance-chronica do seculo XIV*, Porto, Typographia de J. J. Gonçalves Basto, 1857, p.130.

²² *Id.*, *Ib.*, p.134.

²³ *Portugaliae Monumenta Historica: a saeculo octavo post Christum usque da quintumdecimum: Livro de Linhagens do Conde D. Pedro - Nova Série* (ed. de José Mattoso), Lisboa, Academia das Ciências, 1980 (2 vols.), vol. II-1, p.138-141.

²⁴ *Le Roman de Tristan en Prose* (ed. de Renée L. Curtis), Cambridge, D. S. Brewer, 1985 (3 vols.), vol. I, 3, p.40.

branco, em forma de crescente (formando ambos um círculo) remete para Diana, a deusa branca e lunar que preside à vida e à morte e que encontra o seu paralelismo arturiano em Niniane (mais tarde Dama do Lago), a qual leva na mão um corno da abundância quando se apresenta na corte de Artur em perseguição ao veado branco.

Na *Suite du Merlin*, Niniane, a “Demoisele Cacheresse”²⁵, persegue o veado branco e aparece na corte de Artur a cavalo, com um chifre de marfim ao pescoço, com arco e flecha nas mãos, e cães brancos. Ela é raptada por um cavaleiro montado num cavalo branco, pelo que todos irão procurá-la até o veado ser morto.

No *Didot-Perceval*, o herói relaciona-se com a donzela da cabeça do veado branco, que quer fazer dele senhor do castelo²⁶. Este episódio é sequencial relativamente ao da *Continuation-Perceval*²⁷, que narra a recuperação da cabeça do veado, procurada pela donzela. Em *Tyolet*, o herói, parecido com Perceval, submete-se à aventura do veado branco na corte de Artur para obter a mão da filha do rei de Logres.

A caça ao veado tem, pois, nas suas origens pagãs, uma relação com a busca do amor. Na *Suite du Merlin* explica-se que Gauvain é chamado “Chevaliers as Damoiseles”²⁸, por lhes ter jurado protecção, depois de ter matado, sem querer, uma donzela na sequência da caça ao veado branco.

O veado branco, indicador da aproximação do Outro Mundo e mediador entre os dois mundos, surge em vários textos em que o herói o persegue, acabando por entrar no Outro Mundo. É o caso de «Gereint et Enid»²⁹, dos *Mabinogion*, tema retomado em *Erec et Enide* de Chrétien de Troyes. Os cavaleiros da corte perseguem o veado todo branco, como ninguém antes vira, que Madawc anuncia à corte, para que aquele junto de quem o veado venha a cair ofereça a respectiva cabeça àquela que mais desejar. Como Gereint chegara atrasado para a caça (tal como a rainha Gwenhwyvar, defendendo-a de um insulto de Edern, filho de Nudd³⁰), foi dada a preferência a Gereint na escolha da amada relativamente à cabeça do veado branco caçado por Artur, e esta é dada a Enid. Mas em Chrétien o costume do veado branco consiste em dar o privilégio, àquela que o matar, de beijar a mais bela da corte.

Em «Guigemar», o herói epónimo dos *Lais* de Marie de France³¹, indiferente ao amor («De tant i out mespris nature / que unc de nule amur n’out cure»³²), é ferido na coxa na sequência da caça ao veado branco («Tute fu blanche cele beste; / perches de cerf

²⁵ *La Suite du Roman de Merlin* (ed. de Gilles Roussineau), Genève, Droz, 1996 (2 vols.), 315, vol. I, p.277.

²⁶ *Le Didot-Perceval, according to the manuscripts of Modena and Paris* (ed. de William Roach), Genève, Slatkine, 1977.

²⁷ *Op. cit.*, v.10162-20689, p.56-72 e v.24732-25432, p.218-244.

²⁸ *Op. cit.*, 280, vol. I, p.237.

²⁹ «Gereint et Enid» in *Les Mabinogion - du Livre Rouge de Hergest avec les variantes du Livre Blanc de Rhydderch* (trad. De Joseph Loth), Genève, Slatkine, 1975 (2 vols.), vol. II, p.121-186.

³⁰ Edern é, em *Yder*, o cavaleiro epónimo que defende Guenièvre, salvando-a de um ataque de um urso. O tema insere-se na tradição escandinava de *Beowulf*, tendo repercussões em textos como *La Vengeance Raguidel* ou a *Folie Tristan de Berne*.

³¹ «Guigemar» in Marie de France, *Lais*, Paris, Librairie Générale Française, 1990, p.26-71.

³² *Loc. cit.*, v.57-58, p.28.

out en la teste»³³), sendo que este animal mágico (também ele atingido pela flecha, mas devolvendo-a) o condena, sob a forma de praga, a permanecer ferido até ser curado pelo amor de uma mulher («ki suferra pur tue amur /// e tu referas tant pur li»³⁴). E é graças ao veado branco que Guigemar encontra, no Outro Mundo, uma mulher que o cura do seu duplo mal.

No conto sobre o príncipe Pwyll³⁵, também dos *Mabinogion*, é igualmente a caça a um magnífico veado branco de pêlo reluzente que leva Pwyll a fazer um acordo com Arawn, um rei do Outro Mundo, ficando com o seu semblante e a sua mulher.

Na *Continuation-Perceval*, o veado branco apresenta apenas um chifre, característica aliás já presente desde a segunda redacção de «Peredur» dos *Mabinogion* (provavelmente devido a uma analogia francesa com o unicórnio, também ele branco, que as redacções galesas posteriores incluem, tendo o veado branco celta originalmente dois chifres). Mas em «Peredur»³⁶, não se diz que o veado morto pelo herói seja branco, mas sim um monstro que ataca os outros animais da floresta e cuja aventura conduz ao Castelo dos Prodigios e a cujos costumes (de feitiçaria) o herói tem de pôr termo.

Nestas aproximações ao Outro Mundo são também comuns os cães brancos, bem como os palafreiros brancos, em que geralmente vêm montadas donzelas de rara formosura. Os cavalos brancos, segundo a tradição celta, conduzem os heróis ao Outro Mundo. Em *Blandin de Cornouaille*, Brianda manda trocar o cavalo de Blandin por um cavalo branco³⁷. No *Chevalier de la Charrete*, a donzela que salva Lancelot vem montada numa mula branca.

Porém, a tradição pagã do branco feérico dá lugar à cristianização. Na *Demanda*, o cervo passa a ser símbolo de Cristo³⁸, segundo a visão dos cavaleiros do Graal e da donzela, afastando-se do amor a que conduzia a caça ao cervo noutros textos. Na *Demanda*, os três cavaleiros, Galaaz, Boorz e Persival, e a donzela, irmã deste, chegam a uma floresta e avistam um cervo com quatro leões, que seguem até vislumbrarem as maravilhas de Cristo:

virom passar per ante si üü cervo branco que aguardavom quatro leões [...] o cervo se tornou homem e sentou-se sobre o altar em ùa cadeira mui fremosa e mui rica³⁹.

O branco passa a significar a pureza física em vez da beleza, transformando-se, assim, a estética em valor moral. São os cavaleiros brancos - Lancelot, Galahad (o cavaleiro puro), Helain le Blanc (filho de Boorz), e o próprio Boorz (cavaleiro branco, mas com mácula, devido à concepção do seu filho) – que passam a figurar no plano central dos acontecimentos. A pureza da donzela branca, Elaine, mãe de Galaad, substitui a brancura das fadas.

O paganismo celta prevalece através da inclusão da serpente branca na tradição do Graal. Num sonho das *Prophecies de Merlin*, Lancelot ligar-se-á à “serpente coroada de Logres” (Guenièvre), mas deitar-se-á com a “serpente branca” (donzela, filha do rei Pelles)

³³ *Loc. cit.*, v.91-92, p.30.

³⁴ *Loc. cit.*, v.115 e 118, p.32.

³⁵ «Pwyll, prince de Dyvet» in *Mabinogion*, vol. I, p.81-118.

³⁶ «Peredur ab Evrawc» in *Mabinogion*, vol. II, p.47-120.

³⁷ *Blandin de Cornouaille* (ed. de C. H. M. van der Horst), The Hague-Paris, Mouton, 1974, v.1761-1766, p.131.

³⁸ *A Demanda do Santo Graal* (ed. de Irene Freire Nunes), Lisboa, I.N.C.M., 1995, 436, p.323-324.

³⁹ *Ib.*, 435, p.323-324.

de quem terá um “leão” (Galaad) que será rei do reino que outrora fora de Evalac⁴⁰. Ambas as serpentes são reminiscências da Grande Deusa, representando a soberania e a fertilidade derivada da pureza. Mas o branco afasta-se da tradição feérica para se inserir numa lógica cristã.

O branco continua a ter a sua magia. Das deusas lunares é legado às fadas. E destas, por sua vez, às santas. Ou então passa a assumir conotações diabólicas, por derivar da incontrolável fantasia celta. Porém, uma coisa prevalece: o branco imaculado é puro, mas também por isso fácil de manchar. Por essa razão é que todas as personagens a ele associadas sofrem mutações. Não tardará, pois, que as fadas se transformem em bruxas e fiquem ligadas ao preto. A diferença não é nenhuma senão esta: nem uma nem outra contém cor. Cabe-nos a nós colorir com a imaginação.

⁴⁰ *Les Prophecies de Merlin*, vol. I, p.178-179.

Composto e paginado
na UNIVERSIDADE ABERTA

Impresso e acabado
na Publidisa Publicaciones Digitales S.A:

1.ª edição – 1.ª impressão – 200 exemplares

Lisboa, Novembro de 2010

Depósito legal n.º 320783/10